

## Mulheres mães indígenas encarceradas no sul do Mato Grosso do Sul

Dandara Rossoni<sup>1</sup>, Simone Becker<sup>2</sup>.

1. Estudante de IC da Fac. De Direito e Relações Internacionais - UFGD; \*[dan.rossoni@gmail.com](mailto:dan.rossoni@gmail.com)

2. Professora orientadora Docente Adjunto IV da FADIR/PPGAnt/PPGS/UFGD. \* [simonebk@yahoo.com.br](mailto:simonebk@yahoo.com.br)

Palavras Chave: *Cárcere, mulheres mães, indígenas.*

### Introdução

O presente ensaio decorre da pesquisa de IC desenvolvida em 2013-14, cujos objetivos vinculam-se (in)diretamente ao programa do PROEXT 2013. Tive como meta analisar, por meio de textos (revisão teórica) e idas a campo, a situação das mães que se encontram sob o cárcere privado, focando especialmente nas indígenas. A escolha deste espaço se deu, pela percepção de que as mulheres indígenas encarceradas no sul de Mato Grosso do Sul compõem a maior população indígena aprisionada em solos brasileiros e, pela escassez em bibliografias sobre o tema. Portanto, parece-me que elas são submetidas a uma somatória de exclusões, que tendem a piorar quando são mães de crianças consideradas passíveis e possíveis de serem adotadas. Isso porque o relatório produzido pelo CTI em 2008 não inclui em suas análises as mulheres indígenas, cujas tarefas são de importância em suas comunidades. Pude perceber a “evolução dos direitos maternos” dentro das prisões brasileiras e como eles são aplicados. Centralizei minhas pesquisas em entrevistas realizadas pela FUNAI em 2012 no centro de detenção de Rio Brilhante e que foram cedidas à minha orientadora como parte da pesquisa junto ao programa do PROEXT 2013 e estendida ao PIBIC para análise discursiva. A partir delas, observamos a (suposta) vinculação das mulheres indígenas ao tráfico de drogas e ao homicídio. Ao mesmo tempo, não foi possível explorar maiores conclusões quanto aos motivos, pois as fichas não traziam riquezas de informações. Porém, foi possível perceber que a maioria das detentas não possuía assistência jurídica. Debrucei-me também sobre documentos já transcritos (pesquisas outras em desenvolvimento), em que abordavam a questão da maternidade dentro do cárcere.

### Resultados e Discussão

Como discussão, tentei abordar no meu trabalho uma reflexão quanto às condições de cárcere utilizando para isso fichas cedidas pela FUNAI para a minha orientadora, como também me debruçando sobre a produção da pesquisadora Anna Paula Uziel (2010) para analisar a maternidade dentro da prisão. Concomitante a este objetivo, passei a pesquisar a importância da mulher dentro da comunidade Kaiowá.

O resultado foi a percepção de como as condições de cárcere para a mulher são menos desenvolvidas que a dos homens e o papel importantíssimo da mulher dentro da comunidade Kaiowa que é formar e manter as instituições sociais.

### Conclusões

Como conclusão destacamos a falta de dados levantados tanto pelo Estado como pela comunidade acadêmica quando relacionada às mulheres encarceradas, mas principalmente quando se refere às mulheres indígenas encarceradas. Isto porque, se há descaso com a população feminina encarcerada, se comparada com a visibilidade da masculina, a tendência é dele se acentuar

em relação às mulheres que se encontram em uma situação de somatória de exclusões sociais.

### Agradecimentos

Agradeço a UFGD pelo fomento via bolsa de iniciação científica.

Centro de Trabalhos Indigenistas (CTI). Situação dos detentos indígenas no estado de Mato Grosso do Sul, 1ª edição, Brasília, 2008, p. 05-59.

FERRARI, I. F. Mulheres encarceradas: elas, seus filhos e nossas políticas. Revista Mal-estar E Subjetividade, vol. X, num. 4, dezembro, 2010, p. 1325-1352. Universidade de Fortaleza.

UZIEL, A. P.; GOMES, A. B. F.; LOMBA, D. E.N. Singularidades da maternidade no sistema prisional. Fazendo Gênero 9, 2010, p. 01-08.